

de conciliar a engenharia com a natureza, evitando assim prejudicar a ecologia da região amazônica.

O presidente visitou ontem o canteiro de obras desta hidrelétrica acompanhado dos ministros das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, e do Interior, Ronaldo Costa Couto, durante pouco mais de uma hora.

Quando entrar em operação com suas cinco máquinas, em julho de 1989, esta usina equivalerá a um poço de petróleo de sete mil barris diários, mas não será suficiente para abastecer de energia toda a cidade de Manaus, que hoje utiliza 320 mW gerados inteiramente com derivados de petróleo. (ESP, 8/11/85).

FUNAI diz que delimitou a área

A FUNAI delimitou a área do Pitinga, ocupada pela empresa mineradora Paranapanema, considerando-a como área indígena. De acordo com a informação do delegado regional do Amazonas, Sebastião Amâncio, a FUNAI está em litígio com a Paranapanema para resolver o caso na justiça.

Amâncio afirmou que as áreas comprovadas indígenas serão demarcadas, em defesa do habitat indígena e preservação de sua etnia. (A Crítica, 10/11/85).

Carta contra hidrelétrica

"Sr. Presidente da República
Sr. Ministro das Minas e Energias
Sr. Ministro do Interior
Sr. Presidente da Funai

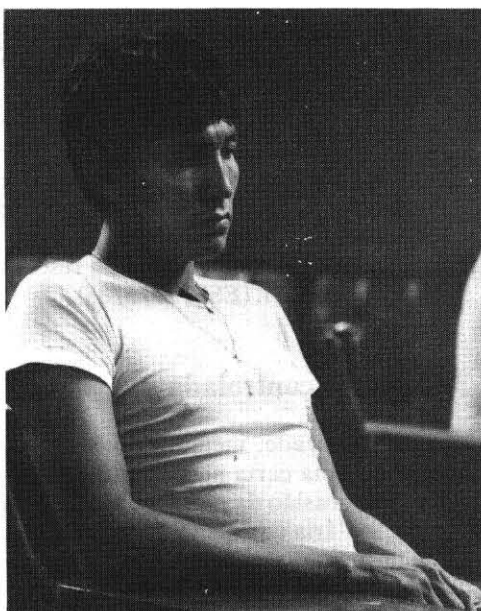
Nós, VIANA UOMÉ ATROARI e MÁRIO PAROÉ ATROARI, novos líderes da comunidade Waimiri/Atroari, ficamos sabendo que o Presidente da República assinou Decreto nº 92.426, de 25 de fevereiro de 1986, autorizando a Mineração Taboca S/A, construir uma hidrelétrica no rio Pitinga.

Acontece que na região em que a hidrelétrica será construída, é um local em que nossos parentes contam que nele vivem os índios PIRIUTITI e TIQUIRIÁ. Os TIQUIRIÁ são nosso parentes, sendo um subgrupo dos WAIMIRI/ATROARI.

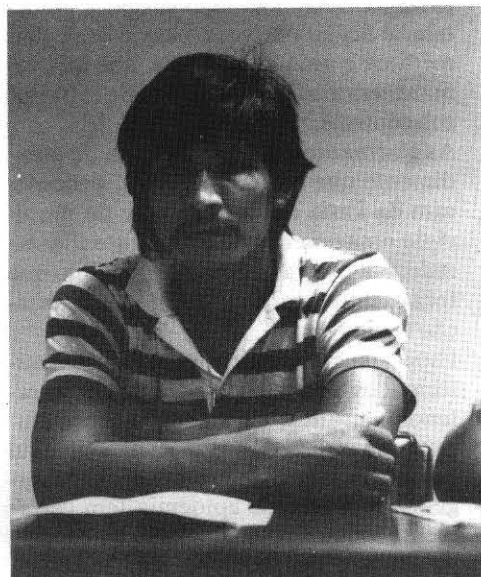
No campo de obra da Mineradora Taboca, em 1983 nós vimos rastros dos PIRIUTITI e TIQUIRIÁ. Neste mesmo lugar, está sendo construída a hidrelétrica.

O pessoal da Taboca também avisou a Funai, no mês de agosto de 1985, que alguns índios estiveram no local de construção da hidrelétrica e rasgaram caixas de dinamite e destruíram as bananas e dinamite.

fotos Vincent Carelli



Viana Uomé Atroari.



Mario Paroé Atroari.

Achamos que os índios que foram na Mineração Taboca, são os PIUTITI e TIQUIRIÁ e arrebataram as caixas de dinamite, porque a mineradora tem explodido dinamite na terra deles durante a noite. Não sabemos se alguns parentes nossos foram mortos, mas esta situação tem criado muitos problemas.

Outra coisa que é muito ruim, é que com a construção da hidrelétrica, a terra dos PIUTITI e TIQUIRIÁ, vai ser inundada. Isso não pode acontecer.

Pra que a Taboca foi pra lá? Pra estragar nossa terra? Até hoje, desde quando o Presidente Figueiredo deixou Taboca ir pra lá, está roubando nossa cassiterita só pra ela.

Até hoje nós não ganhamos nada, nem indenização, nem demarcação, a equipe da Funai, ainda fica ajudando a Taboca e a gente sem ajuda.

* Taboca fica tirando nossas riquezas e desmatando nossa terra e nada foi tratado conosco. A Taboca não dá remédio, não dá carro, só dá problema e

doença. Se a Taboca fosse cavar e desmatar fora de nossa terra, não haveria problema, mas entrar em nossa terra sem pedir permissão, não pode.

A Taboca joga sujeira no Pitinga, e isso vem causando muita doença. Sabemos que estes problemas são causados pela Taboca, porque antes do lugar onde estes jogam detritos de mineração, defensores agrícolas, graxa, óleo diesel, veneno, mercúrio, esgotos, nosso povo não sofre as doenças que a Taboca provoca. Só adoecem no percurso do rio abaixo da Taboca.

Agora, quando nosso povo come peixe, fica doente e muita gente morre.

Um problema muito maior é a Hidrelétrica de Balbina, que vai chegar à aldeia Abonari e Taquari e ninguém vai sair de lá.

Aguardamos breve resposta e providências.

Viana Uomé Atroari e Mário Paroé Atroari". (Brasília, 10/3/86).